



FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E O TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO

Jean Borges Feijó

15

Dicente da Escola Estadual de 2º Grau Dr Carlos Antônio Kluwe

Contextualização da Segunda Guerra Mundial: A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um conflito global que envolveu as principais potências mundiais, dividido entre os Aliados (liderados por Estados Unidos, Reino Unido, União Soviética e, a partir de 1941, a União Soviética) e o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Iniciou-se em 1º de setembro de 1939, quando a Alemanha nazista, sob Adolf Hitler, invadiu a Polônia, levando à declaração de guerra pela França e pelo Reino Unido. O conflito expandiu-se rapidamente com a invasão da França em 1940, a Batalha da Grã-Bretanha e a entrada da Itália e do Japão, que atacou Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941, trazendo os Estados Unidos ao combate. No contexto da América Latina, o Brasil manteve inicialmente uma posição de neutralidade, mas a pressão dos Estados Unidos e os ataques de submarinos alemães a navios brasileiros no Atlântico (a partir de 1942) forçaram uma mudança. Em 22 de agosto de 1942, o Brasil declarou guerra ao Eixo, alinhando-se aos Aliados. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi criada em 1943, composta por cerca de 25.000 soldados, incluindo 73 enfermeiras voluntárias, que partiram para a Itália em 1944 para lutar na Campanha da Itália, especialmente na frente de Monte Castelo (dezembro de 1944 a fevereiro de 1945). A guerra terminou na Europa em 8 de maio de 1945 (Dia da Vitória na Europa) e no Pacífico em 2 de setembro de 1945, com a rendição do Japão após os bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki. A situação vigente na época era marcada por intensa militarização, racionamento de recursos, propaganda nacionalista e tensões sociais. No Brasil, o governo de Getúlio Vargas (Estado Novo, 1937-1945) usou a guerra para consolidar poder, enquanto a sociedade enfrentava desigualdades de gênero e raça, com mulheres e minorias enfrentando barreiras significativas, mesmo no esforço de guerra. A participação das enfermeiras da FEB foi um marco, sendo as primeiras mulheres incorporadas às Forças Armadas brasileiras, enfrentando não apenas os horrores do front, mas também preconceitos internos e externos. Relação com o Livro "De Altamira a Zilda" O livro "De Altamira a Zilda: A Guerra Permanente das Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira" (Daniel Mata Roque e Fernando Porto, Editora Dialética, 2025) contextualiza essa participação feminina, focando nas experiências de Altamira Pereira Valadares e Zilda Nogueira Rodrigues. A capa reflete esse tema, exibindo imagens das enfermeiras em uniformes militares, simbolizando sua integração ao esforço de guerra e os desafios enfrentados. A dedicatória ("Para Altamira e Zilda, com admiração") e os agradecimentos destacam a admiração pelos sacrifícios delas, enquanto a tese de doutorado subjacente, defendida em 6 de dezembro de 2024, reforça a pesquisa histórica e interdisciplinar sobre os impactos psicológicos, como a neurose de guerra (precursora do TEPT), vivenciados por essas mulheres no contexto da guerra. A narrativa do livro se alinha ao período de 1942-1945, detalhando como as enfermeiras, recrutadas a partir do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE) em 1944, enfrentaram as frentes de batalha na Itália, retornando com traumas duradouros. A publicação em 2025, 80 anos após o fim



da guerra, marca uma reflexão tardia sobre essas heroínas, cuja história foi amplamente silenciada, conectando o passado bélico ao atual reconhecimento de saúde mental em contextos de guerra.

16

Palavras-chave: Guerra, traumas de guerra, desigualdades de gênero